

O Pó Dos Poemas

Rui Miguel Rocha

Ilustrações de **Agostinho Sousa**



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

*aos meus pais
e à minha irmã Gisela*

à Geca

*ao Agostinho
por ter desenhado os meus poemas*

Alea Jacta Est

equilíbrio estável das letras
a meio da página
significações pensadas para tomar um sentido
nunca uma direcção
tentativa de ordenar o caos
baralhando um pouco a ordem
eis o poema levitando na página em branco
desafiando a estabilidade da gravidade
dando peso ao vácuo da vida

deus julga-se poeta
não o censurem
é difícil encontrar o equilíbrio numa página em
branco
metaforicamente temos o universo
e o poema e suas metamorfoses
e nesta aleatoriedade total
deus criou o homem
O sentido ficou, quiçá, em quem as disse
ou mesmo esse lhes ficou aquém...
Talvez as palavras não precisem de sentido
para viver
e não pertençam a ninguém ...
O poeta, esse, só faz sentido
no meio de toda esta indiferença!...

Raízes

o som de cada curva do alfabeto
ressoa na antiguidade da palavra.
todos os mitos nasceram da ignorância,
e todas as palavras, de todos os alfabetos,
ajudaram à construção épica do dilema.
a poesia não se serve das letras,
serve-se dos homens e dos seus sonhos.
o som que dela sai evapora-se
sufocando a sensível emoção da vida
em gargantas congestionadas de razão.
o dilema, no entanto, permanece
e é na sua inconcebível concepção
que reside o mistério de haver poema.
pois a forma, a palavra, a fantasia,
não são nossas, vivem sim entre nós,
desde o princípio dos tempos,
numa outra vibração que nos transcende,
mas que às vezes nos atinge o coração
num dado momento e se revelam
quando está tudo reunido numa casual união,
quando há tempo, há papel, uma caneta e a
mão!

Versículo 14 do 1º capítulo do evangelho segundo s. joão: " e o verbo fez-se carne..."

e é a carne que somos que trabalha
novamente
o verbo na condicionante eterna do sangue
que
a rege e do nervo que a move até ao pó a que
voltará.
do pó ao pó, passando pela carne e pelo verbo,
o poeta caminha numa linha ténue de tinta
onde
o equilíbrio é precário e a certeza exígua. há
uma
busca atávica em tudo isto, há uma
manipulação
invisível da carne. a palavra esconde-se na
tinta
incompleta dos versos que escondem o verbo,
e
é na sua descoberta que está o mistério fugidio
que apaga os sons iniciais. as testemunhas
desse
encontro gritam-nos segredos e, o que nos
chega, fica gravado na imperfeição do papel.

O Primeiro Espelho

e pensar que foi um reflexo fortuito
a causa da primeira demência,
no imprevisível sobressalto
de um espelho.

O Escultor

o escultor aprisiona o barro na forma e não ouve os gritos mudos dos pequenos pedaços que combatem essa mesma forma numa ânsia frenética de ser tudo e não um. o barro é feliz enquanto os calos das mãos o moldam. é quando se sente escultura que o seu grito surge, chamando novos escultores para que o devolvam à imagem sempre necessária do tempo, a essa estranha estátua dinâmica que confirma o movimento.

O Esquecimento

fatalmente a vida acaba por cair
no erro redutor em que cai o verso.
há instantes inesquecíveis que são recordados
nos instantes fugazes dos dias seguintes e
há também as inutilidades que nos
acompanham
até ao fim de tudo, até à inutilidade final.
é certo que devemos limpar a memória
para que ela se aproxime do poema, mas o
certo
é que as arestas que formam o nosso eu
são geométricas e implacáveis, não
se identificando nem se importando com
conceitos ténues de felicidade ou com valores
ultrapassados por gargalhadas momentâneas.
fatalmente não se pode dizer que chegaremos
inteiros ao final de sermos,
à derradeira inutilidade.

O Pião

livre, o pião do poema rodopia
até à infância de sorrisos e de
dentes caídos, numa vertigem de braços
abertos e olhos fechados em lágrimas
perfeitas de heranças cumpridas.
a faniqueira abraça então a criança
que se enrola em voltas e voltas
até que o pião do poema se esqueça,
entontecido, do sítio de onde veio,
da inocência perdida.



Instinto Material

conheço a força obscura da procura insensata
que se esconde na força interior da matéria.
são duas forças que se completam no instinto
inquieta do humano. há algo guiando as
viagens
desconhecidas da posse, há instintos
impedindo
o meio-ter e embriagando a avidez complexa
dos
abraços. infelizmente escondemos segredos
quando
abarcamos o desejável e é na demonstração
do incompleto
que nos rege que mostramos o que somos:
órfãos falhados.

Satélite

penso na abstracção ideal para personagem
deste poema. ao meu lado estás tu, sem o
saberes,
puxando-me para o concreto que teima em
permanecer
na ilusão das coisas. tu, que és mulheres, és
também
o centro da órbita febril e concêntrica onde, há
já algum
tempo, me encontro. a força poética não chega
para me libertar da gravidade natural que
inspira
a relação íntima e intensa que tenho com o
mundo.
sou etéreo na incompreensão que promovo,
sou cativo na liberdade dos teus olhos,
sou falso na verdade que somos.

és alheia ao poema que escrevo, por isso
consegues
que eu não me perca nos labirintos secretos
dos versos,
por isso consegues reter-me na tua elipse
orbital
que percorro comandando as marés
das tuas lágrimas.

Servir O Minúsculo

na respiração ofegante das pressas diárias
o poeta esconde-se nas costelas compactas
do cansaço. ele permite a palavra, o
afogamento
que paira no ar. ele dilata-se nas experiências
alheias para que o seu verso exprima reacções
naturais. o poema esconde-se nos gestos
inocentes
e o poeta tem de ser parte do todo, tem de ser
carne da carne nesse experimentar
momentâneo
de tudo. é impossível viver as penetrações do
ser
no seu íntimo, por isso o poeta serve para
servir
o minúsculo, para pintar o suave toque da mão
nos inúmeros cabelos que escondem a miopia
do mundo.



O Vício

o perigo persiste nas esquinas do vício,
daí a nobreza do olhar altivo que o vinho
conserva nas garrafas vazias. o medo alia-se
ao hábito na vigília nervosa de quem os tem.
talvez caia num erro redutor ao falar de
um verso pleno de vício, rodeado pelo fumo
que move a avidez embriagante das páginas.
na mesa está o copo, subitamente vazio.

Os Livros

sento-me no crepúsculo do fim da tarde,
cansado da suposta vida de plenitude
e é neste instante que o livro aparece
rodeado pela necessidade intensa do
enternecimento. percorro as lombadas dos
tomos que fui comprando e recordo aventuras
passadas na impossibilidade das letras. nestes
apaixonados momentos de solidão sinto
o vício do toque do papel, a procura insana e
inócua que existe no desfolhar das folhas
cobertas de sonhos e procuro as minhas
vivências
na impossibilidade da leitura onde vou
refazendo
sonhos nos sonhos forjados dos escritores
encapados.



O Caminho Dos Livros

nos alternativos caminhos da escrita
estão todos os nomes num só. as discórdias
estúpidas que caminham lado a lado com
a individualidade juntam-se na generalidade
que é o todo. foi nos livros que encontrei
o mistério que me levou a lê-los, foi
nos livros e no acto de me descobrir
neles que a incógnita se traduziu na afirmação
segura do todo que somos ou do deus que
procuramos.

A Censura

a ambiguidade de vivermos o presente
sopra os vestígios obscuros da censura.
esta cola-se aos olhos dos amantes na
ternura cega da timidez das bocas
que gritam vida no calor rubro das faces
coradas. o amor é a polícia política
deste século que finda, aprisionando nas suas
celas o íntimo interrogatório de cada um.

A Água

há na escrita o estranho arrebatamento de se
ser dominado
por uma força inominável. o poema actual é a
falhada
tentativa da sua descrição. sei que alguém
pensou este
poema numa madrugada alheia e que esse
alguém está preso
algures sem possibilidade de o escrever. na
minha mão está
a força dos feridos que saram por toda a
eternidade, mas
nem por isso a responsabilidade pesa na
escrita pois a
natureza dos versos surge límpida como a
força do rio
que nasce fresco sem o saber. na condução
alheia da tinta eu
deixo a minha marca: um tributo aos rios que
correm
sobre os diques, ignorando os sobressaltos.



O Fogo

há algo que se repete no brilho luzidio
que os olhos reflectem há séculos. o vermelho-
vivo-laranja que dança consumindo tudo em
si mesmo é o astro que ilumina os céus
onde os olhos, aqueles olhos, se revêm em
silêncio.

as essências persistem no íntimo trágico das
vidas e os sistemas reencontram-se na
descoberta das
experiências que se espelham na queimadura
inicial.

conheço o sangue que acompanha o suor
humano

no círculo infinito dos poemas; é aí que se
concentra

o conhecimento, é aí que o amor floresce.
tudo é resumido no escasso espaço das
lembranças

que acompanham as gerações perdidas que
somos.

é razoável pensar na calma aparente do nosso
governo olhando para a domesticada dança
das chamas

nas lareiras. no entanto há uma reflexão
excessiva

nesta autocontemplação ambígua da chama
inicial.



Trovoada

é o barulho da tempestade no latão
dourado da faísca que assalta o
poema riscando a página de azul.
o poeta acorda na sonolência morna
dos lençóis e vê a folha rugindo.
- é deus que ralha- dizia a beata que
não devia ter entrado no poema.
ainda assim, o poeta sente a sua
infância invadindo a trovoada que
nunca deixou de ser um deus irritado.

Os Navegadores

a bússola é o espelho do magnetismo humano
o qual é muito próprio do ser que nasceu da
vida.

é assim que o homem guia as vontades
presentes

nos lagos espessos do interior profundo do seu
ser.

há uma procura inerente à libertação do ventre
que conduzia tudo. o vento sopra o destino
escolhido

da criança que nasce, curiosa dos mistérios do
mundo a descobrir. é assim que a bússola rege
os navegadores insanos, é assim que eles se
perdem.



Telejornal

a deusa económica promove
o encontro do brilho das espadas.

os pobres fabricam o aço
que vai degolar os seus filhos.

o medo é o alimento da coragem
comandando as rédeas da guerra.

no ecrã pacífico do quotidiano
televisivo é fácil a imortalidade.

Oriente

após o crepúsculo surge a laranja
do espírito, o lento despertar
da humanidade no que ela tem
de contemplativo e sedutor.
olho o espaço da manhã com a
visão profética do futuro vermelho
da tarde, e é neste breve momento
que o mundo recomeça a envelhecer.
há olhos frágeis que se rasgam face
à múltipla visão do infinito e há
um sorriso de boas vindas
preenchendo o caminho do mundo.



Guerra

molho com lágrimas as páginas da guerra.
procuro a razão nos desafios comuns das facas
e encontro o desmoronamento dos meus no
olhar
impotente de uma criança inocente. é tudo
uma
questão de fins essenciais em que os pobres
dos povos
se mostram nus e inúteis na selvajaria
hipócrita dos
que sabem a razão de não haver sabedoria no
mundo.

Os Lobos

considero o círculo para pobre metáfora
da história e, neste final de milénio,
chega-me às narinas o cheiro intenso
da carne queimada nas fogueiras do ódio.
céptico e tímido cá vou fugindo das
responsabilidades poéticas caminhando
lado a lado com os lobos que uivam.



Os Números

no infinito dos números está presente o finito inadiável da sua contagem.

há, no humanismo, um sabor estranho de finito no infinito. é interessante falar com os outros sobre o outro que não o é. nos milhares de milhões que gritam há apenas um que conta no infinito precário dos números que se resume ao exíguo que somos na pouca vastidão em que nos vemos. este foi o século das notícias e da ignorância inadvertida dos massacres totais. ao estatístico resta-lhe verificar que não é um dos que morreram nos números.



Sobre Os Átomos

o papel do poema imola-se e percebo
então a lenta agonia das letras:
cheguei ao fim de tudo, ao pesadelo final,
à arte suprema.
o clarão afasta-se e, depois de morto,
ouço um trovão de forças que é todos
os sons, o mundo dentro do mundo,
o renascimento.

Silêncios

há momentos fortuitos em que as palavras
se afastam para darem lugar aos
acontecimentos.
nada impede que elas se apresentem, limpas
de si,
nada impede o ressoar do som na letra e,
no entanto, elas permanecem mudas como se
na sua teimosia estivessem eternidades de
instantes e alguns farrapos de felicidade. as
palavras
retraem-se na timidez dos olhares dos
amantes
e fecham-se no seu íntimo significado por
serem espelhos onde nem a poesia se vê.



Os Amantes

o amor serve-se dos amantes chupando-lhes o sangue afectivo que neles persiste. os amantes viajaram da criança que um dia foram até ao sabor amargo dos corpos conformados que hoje são apenas para confirmarem o esquecimento da inocência que perderam em risos e lágrimas, eles são escravos da presença imperativa da cópula. o sexo chega ao poema trazido pela palavra "amante", e é extraordinário verificar a dependência que os vocábulos mostram na sua imitação do sangue, na sua colagem às imagens gastas da película do mundo. os amantes juntam-se pelos cheiros mútuos das secreções físicas e são dois sistemas abertos transferindo a energia única do universo; eles são também as palavras que se reúnem numa ignorada intenção de amor, num bailado erótico e intenso feito de laços que escorregam pelos lençóis do papel para um futuro incerto e fatal que os levará à surpreendente maternidade dos poemas.



Vigília

procuramos o mistério na pele dos outros
e fazemos tudo para o reter no ódio que
se confunde com o amor-próprio ou no
amor que temos pelo ódio atávico do alheio.
sabemos que a tarefa de viver é impossível
no desconhecimento dos nossos eus, somos
muito mais complexos do que o nosso cerco
e, por isso, amamos para não perdermos o
rumo pré-definido dos sonhos improváveis.
é assim que, nesta noite de terríveis
inquietações,
ouço-te do outro lado da cama lançando-me
um sussurro para que me aproxime do teu
sono.

O Inconsciente

conheço a alma aparente das letras,
o mistério que está nas entrelinhas dos outros,
o sentido profundo que o escritor desconhece.
fito textos embriagados pela luz coada e
sonora
dos cafés e reparo que neles existem todas as
mentiras que sempre existiram. há uma
mensagem
que não absorvo em tudo o que já foi escrito,
há um mistério profundo onde não consigo
mergulhar.
o leitor revela-se no texto impreciso e
incompleto
que o poeta pensou como puro. a pureza é a
utopia
artística, é a desarticulação das metáforas
cansadas
pela responsabilidade de se tornarem poema.

Testemunhos

os poetas desaparecem no trágico hábito do quotidiano, eles vestem as suas carapaças humanas para testemunharem o que são perante o indizível. é nos cafés que os vejo, deambulando sonolentos pelas suas vidas plenas de conversas inacabadas e de cheiros familiares. é então que surgem os versos, meros testemunhos da poesia que se desvanece nos outros.



O Mar

Simurgh (página 387, borges 3)

olho o mar e ouço as vagas gritando
o meu nome, na espuma que nasce dos
seus dedos vejo a face dos meus e uma
gaivota espreita a presa que pode muito
bem ser o peixe dos teus olhos. na
imensidão azul permanece a metáfora
das metáforas, o espelho que reúne o
amor no reflexo salgado da humanidade.
no mar está presente a liquidez da alegria
perdida pela terra, e é nessa disputa irreal,
entre o que somos e o que vemos de nós,
que garantimos a sobrevivência dos sonhos.

Cansaço

no desgaste trémulo do fim
está presente a serenidade
do entardecer.

é como o sangue escolhendo
as veias congestionadas
onde se espraia.

espero as frases recorrendo
ao verbo que trava a batalha
do fim das letras.

É nessas cinzas que assim deixarei,
espalhadas para sempre por essa doce
aragem,
que vou alcançar, por fim, a eternidade,
pois ninguém pode quebrar as vibrações desse
meu canto,
nem nunca apagar essa mensagem!...

O Plural Dos Versos

há um heterónimo em cada verso
na exacta medida em que cada curva
que molda o texto depende do avesso
que molda o tempo. o tempo é uno
no diverso que somos em cada instante
e assim escrevemos o que sentimos
fluir no muito que não é bastante.
as formas indefesas povoam o florir
antigo das plantas que, sendo sempre
o mesmo, promove a intemporalidade
do nosso ser. é assim a escrita,
é assim a vida. caminhamos no ventre
escondido de nós próprios e na calma
aparente do verso que, calado, grita.



Os Velhos

hoje o poema leva-me aos velhos,
às rugas profundas que a vida curtiu,
às notas meticulosamente dobradas em oito
com uma precisão de projecto de barco,
ao último reduto da ilusão finalmente vencida.
os velhos são demasiado inocentes,
e no seu olhar de crianças perdidas
distinguem-se órfãos reencontrando as mães
que os chamam para o esquecimento de tudo,
para o berço negro dos lençóis naturais.

a vida passou sem eles darem por ela.
no fim foram tudo o que não foram
e são sonhos perdidos para sempre
na vivência da ilusão desses sonhos.
os velhos são feitos de pedaços,
de colecções de encruzilhadas,
de recordações perdidas no labirinto do tempo.
eles são como nós olhando para trás
na nossa ilusão de frívolas eternidades,
na nossa porfiada ilusão de caminho único



Natureza Morta

o suor escuro de um rosto queimado
rega o húmus das flores dos prismas,
os cordões de água escolhem a doença
para rugirem nas chapas ferrugentas dos
motores velhos que os músculos, em vão,
substituem. o arado sulca o reino dos
homens provocando um gemido na terra
aberta que sangra, cansada, os coágulos
coloridos destinados aos cestos
das naturezas mortas.



Foz

no lento escorregar do rio, os pássaros perfuram horizontalmente o azul do ar e cruzam os barcos rabelos que navegam justificando a corrente que desliza para o paciente ruído do mar. a mão do poeta na letra de água pura chora um abandono e molha-se de sal na luta onde a espuma garante a continuidade de tudo.



Sobre O Tempo

o egoísmo não pertence ao tempo,
dono da memória e da previsão.
talvez o esquecimento não exista
na repetição de tudo, na insistente
repetição que existe em tudo, no
que há de nós nessa repetição de tudo.
pensando nisto sinto-me enjaulado
numa cela feita de séculos que um
deus construiu, onde passeio o que
penso na exígua fronteira da felicidade.
nestes momentos sinto-me próximo
de todos os instantes, passados e futuros,
de todos os seres, mortos e por nascer,
que são afinal um só momento, um só ser.

talvez a originalidade se esconda
na impossível repetição da morte.

Dia(gnóstico)

tento fazer uma revisão de vida no poema:
coloco-me no lugar que fui e mudo as
circunstâncias
que moldaram as situações, mudando apenas
um pequeno (mas crucial) gesto.
sei que os erros não seriam mais os mesmos e
que a aproximação a deus seria inevitável.
aproximar-me-ia da imortalidade do consenso,
da sabedoria eterna, da perfeição da
inutilidade,
da futilidade lânguida do voyerismo.

a invulnerabilidade da existência não se
resume
ao poema intocável e perfeito. a
invulnerabilidade
não se resume nem se justifica e a existência
só se justifica no que tem de imprevisível e
de imperfeito, no que tem de humano.

A Morte Hoje

depois de morrer
ser-me-á dada a escolher a idade
inteira para permanecer eterno.

é estranho pensar
que se a morte me visitasse hoje eu
adaptaria imediatamente um dia futuro.

Cemitério

são dois os portões de ferro que nos separam
do conhecimento de tudo, das lápides frias
que cobrem a quente descoberta das origens,
do mármore agressivo que nos mostra o
caminho.

tudo é calmo na serena sabedoria da
eternidade

e é no cemitério que descansam as palavras
que nos guiaram à geração presente,
mostrando-

-nos o que somos para outros também o
serem.

as palavras repousam para sempre nos
túmulos frios dos

poemas procurando a promessa impraticável
do paraíso.

compreendo agora que morrem no silêncio das
páginas,

no silêncio das vozes dos poetas amordaçados.
como os cães tristes das ruas desertas, elas
esperam

a impossível ressurreição, o derradeiro e
improvável

milagre na densa realidade onde se
encontraram erguidas.

inventaram-nas os sábios na fatal
incompreensão de si mesmos.



Reflexão

há um sentido sísmico que impõe ordem à
felicidade
e esse é o principal obstáculo à perfeição do
poema.
tudo é banal até que um choque nos faz rever
a morte dos nossos ou
a vaidade que vamos perdendo no domínio dos
espelhos.
adormecemos no essencial diário das refeições
mas acordamos no sono vigília das obrigações.
o poema existe na página do sofrimento
e na indefinível alegria que caminha de braço
dado
com as misérias humanas.
há uma sensação de alívio quando nos vemos
vivendo
e o poema surge quando nos observamos do
tecto de nós,
de cima de sermos.



Reencarnações

as combinações estatísticas que cabem numa folha branca ajudam à perpetuação da escrita. não há nada de pessoal no tipo de letra que se imprime para o gosto dos outros. quero que me leiam e que me esqueçam como quem se recorda de algo que nunca o irá marcar. há que ordenar instantes e estabelecer metas nas definições descartáveis das imagens e dos gestos ou nas letras dos poemas já escritos. toda a história resume-se a um amontoado de versos que a memória recorda ou lê nas repetições dos livros de lei e nas memórias dos que duvidam de si mesmos. as palavras são claustros do pensamento pois são a parte do todo em que todos participam na improvável ilusão da eternidade.

O Pó Dos Poemas

sinto na pele olhares de poetas esquecidos
que me arrepiam como o suave toque de um
fantasma.

leio poemas já muito antigos
como um deus ressuscitando apóstolos,
ajoelhando-se à vontade eterna de viver
eternamente.

haverá no futuro um dia
em que serei um espectro de letras
assombrando a existência de incógnitos
poetas.

ignoro-me como testemunha do futuro
mas sei-me regido pelas leis físicas do
apocalipse.

não se contraria a ciência com poesia,
nem, tão pouco, a teologia com versos.
sei que, no fim de tudo, haverá novos inícios,
como poeira de mundos,
como pó dos poemas.



ÍNDICE

Alea jacta est.....	4
Raízes.....	5
Versículo 14 do 1º capítulo do evangelho segundo s. joão: " e o verbo fez-se carne..."	6
O primeiro espelho.....	7
O escultor.....	8
O esquecimento.....	9
O pão.....	10
Instinto material.....	11
Satélite.....	12
Servir o minúsculo.....	13
O vício.....	14
Os livros.....	15
O caminho dos livros.....	16
A censura.....	17
A água.....	18
O fogo.....	19
Trovoada.....	20
Os navegadores.....	21
Telejornal.....	22
Oriente.....	23
Guerra.....	24
Os lobos.....	25
Os números.....	26
Sobre os átomos.....	27
Silêncios.....	28
Os amantes.....	29
Vigília.....	30
O inconsciente.....	31
Testemunhos.....	32
o mar/simurgh (página 387, borges 3).....	33
Cansaço.....	34
O plural dos versos.....	35
Os velhos.....	36
Natureza morta.....	37
Foz.....	38
Sobre o tempo.....	39
Dia(gnóstico).....	40
A morte hoje.....	41
Cemitério.....	42
Reflexão.....	43
Reencarnações.....	44
O pó dos poemas.....	45

Colecção

digit@lmente

Título: **O PÓ DOS POEMAS**
Autor: **RUI MIGUEL ROCHA**
Ilustração: **AGOSTINHO SOUSA**

Edição em Formato Livro: **1999**
Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997